



Revisitando os dois princípios do acontecer psíquico. Diálogos com o texto sem um espelho na mão

Victor Guerra, Montevideo*

Neste artigo, o autor visa a revisitar o texto freudiano tentando desenvolver um dos pontos que Freud apresenta em relação às mudanças que acontecem no aparelho psíquico com a inclusão do sujeito na realidade (princípio de realidade). O ponto de interrogação refere-se às consequências tanto na atenção quanto nos processos de pensamento. A ênfase incide especialmente na proposição freudiana de suspensão da descarga como condição do pensar, passando a refletir sobre esse tópico num diálogo com os conceitos de surséance (D. Marcelli) e autoerotismo mental (J. Hochmann) que abram caminho para o prazer de pensar e o papel fundamental do outro em todo este processo.

Descritores: Suspensão. Pensamento. Autoerotismo mental. Intersubjetividade.

* Psicólogo, Psicanalista. Membro da Associação Psicanalítica do Uruguai.



Revisitando Freud. Revisitando sua teoria. Revisitando sua criação que é como um *corpus*, um organismo vivo que sobrevive ou sucumbe diante da passagem do tempo. Mas sabemos que o tempo sempre deixa marcas de sua passagem sobre os corpos.

Que marcas? Quais as rugas deixadas pelo tempo sobre o corpo da obra de Freud? Ou será que podemos cair na tentação de que nossa escrita aja como um *lifting* sobre a pele da folha amassada? Nós, psicanalistas, temos muitas virtudes e muitos defeitos, entre estes últimos o do culto ao pensamento do mestre. Em nossa tendência à filiação extrema, poderemos ter a ilusão de que o tempo não tenha deixado marcas em seu legado e que cem anos se tenham passado como se nada tivesse acontecido. Sustentar um legado inclui também a possibilidade de deixá-lo cair, deixar que o vento do tempo o sacuda um pouco e depois retomá-lo e escutar novamente o que tem a dizer-nos, ou o que nós dizemos através dele. Para isso conto com a ajuda de meu “amigo” (imaginário) F. Pessoa, de quem tomei emprestada a primeira palavra do título do texto.

Pessoa inaugura o revisitar? Em seu poema *Lisboa Revisitada*, de 1926, narra, poetiza com lucidez e obscura dor o reencontro com sua cidade perdida, aquela que deixou de ver quando partiu para Durban na infância. Na parte final do poema ele diz que o estranhamento que sente, ao reencontrar a cidade (como se ela fosse um texto escrito há muito tempo), leva-o a constatar dramaticamente que o espelho onde se via idêntico estava quebrado.

E, com maestria, Pessoa fala-nos dos riscos da busca do idêntico, que é sempre uma busca fracassada da ilusão dual, especular, que anula a terceiridade, a alteridade, a diferença...¹. É a partir destes territórios que escrevo. Quero revisitar o texto freudiano, mergulhar no mesmo, entrar no seu porto (como entrou Pessoa), sem procurar o que é idêntico, *sem um espelho na mão*.

Díálogos com o texto

Reler, trabalhar e ser trabalhado por um texto cem anos depois, é uma viagem pelas ideias e uma viagem no tempo. Mas vamos situar-nos no Freud de 1911. Embora fosse um renovador da ciência e da cultura, suas colocações eram severamente questionadas. Strachey conta que apresentou um resumo deste

¹ “Outra vez te revejo/cidade da minha infância pavorosamente perdida... Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui.../Outra vez te revejo/mas, ai, a mim não me revejo!/ Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico, e em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de mim. Um bocado de ti e de mim” (Pessoa, 1926, p. 219).



trabalho na Sociedade Psicanalítica de Viena e encontrou muito pouco interesse no público. Sabemos que estas ideias têm como antecedentes dois trabalhos muito importantes: *o Projeto de psicologia* e o capítulo VII da *Interpretação dos sonhos* e que, ao mesmo tempo, abriu caminho para os trabalhos de *Metapsicologia* de 1914-1915 e para o *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos* de 1917.

Como não sou um especialista em Freud, nem pretendo sê-lo, pelo contrário, declaro-me um *viajante epistêmico pelas paisagens de seus textos*, não me sinto na obrigação de detalhar, nem rastrear os efeitos deste texto nos outros já mencionados. Quero dar conta dos efeitos da sua leitura em meus pensamentos e dedicar algumas palavras a alguns aspectos, mais concretamente à relação entre a capacidade de pensar, o princípio de prazer e o funcionamento do aparelho psíquico em relação à busca de excitação e à busca da calma.

Como sabemos, neste texto Freud dedica-se a pensar alguns pontos sobre a relação do sujeito com a *realidade*, assim como o papel principal da repressão (esforço de despejo e substituição), e diz: “O neurótico afasta-se da realidade efetiva porque a considera – na sua totalidade ou em algumas partes – insuportável” (Freud, 1911, p. 223). Partindo da base de sua conceituação do inconsciente e em relação a isso *inaugura*, na sua conceituação, o princípio do prazer: “Estes processos (inconscientes) aspiram a obter prazer; e daqueles atos que podem suscitar desprazer, a atividade psíquica se retira (repressão)” (Freud, 1911, p. 224).

Mas, ao longo de suas ideias, mostra-nos como o aparelho psíquico abandona a tentativa de satisfação por via alucinatória. Em seu lugar, “o aparelho psíquico deve ter resolvido representar as constelações reais do mundo exterior e procurar sua alteração real” (p. 224). Assim mostra-nos como o princípio de realidade foi introduzido na vida psíquica. Diz que o estabelecimento do princípio de realidade teve, pelo menos, oito consequências que mencionarei brevemente:

- 1) As novas adaptações do aparelho psíquico.
- 2) Cisão da atividade do pensar. Surgimento do fantasiar como atividade submetida exclusivamente ao princípio do prazer e sua expressão tanto nos jogos infantis quanto nos sonhos diurnos.
- 3) Relação diferente entre o autoerotismo e sua satisfação momentânea e fantasiada versus a satisfação real que exige esforço e adiamento.
- 4) Distinção entre o ego prazer, que trabalha pela obtenção de prazer, e o ego realidade, que “pode apenas aspirar a benefícios e assegurar-se contra prejuízos [...]. Abandona-se um prazer momentâneo, mas incerto em suas consequências, apenas para ganhar pelo novo caminho um prazer certo que virá depois” (Freud, 1911, p. 228).



5) A educação, entendida como incitação a vencer o princípio do prazer e substituí-lo pelo princípio de realidade.

6) A arte, por outro lado, conseguiria uma reconciliação dos dois princípios. “O artista é, originalmente, um homem que se afasta da realidade porque não pode se conformar com a satisfação pulsional que aquela, primeiro, lhe exige, e dá livre curso na vida de fantasia a seus desejos eróticos e de ambição” (Freud, 1911, p. 229).

7) No percurso do ego, do ego-prazer até o ego-realidade, as pulsões sexuais passam por modificações que iriam do autoerotismo inicial até o amor ao objeto.

8) O que Freud considerava o caráter mais estranho dos processos inconscientes é que a análise da realidade não governa tais processos, pelo contrário, estamos no território do desejo e de seu cumprimento, portanto, a *língua*, o *pais* e a *moeda* que investigamos são diferentes e se tornam alheias e estranhas (à consciência).

De todo este leque de possibilidades, como portas abertas à interlocução com o texto, gostaria de abrir a primeira e incursionar por ela. Interessa-me refletir sobre o ponto 1, especialmente em relação aos processos de pensamento, porque isso me permitirá, ao mesmo tempo, abrir outras portas e outros espaços de diálogo com autores atuais.

Da descarga ao pensamento

Inicialmente, haveria dois aspectos muito interessantes para desenvolver. Freud fala-nos da importância dos órgãos sensoriais e do *tratamento* das impressões sensoriais através da atenção como função ativa. Assim, esboça a ideia de como o contato com a realidade gera todo um processo de trabalho no aparelho ao qual responde, inicialmente, com a função dos órgãos sensoriais, da consciência e especialmente da atenção “que iria explorar periodicamente o mundo exterior” (Freud, 1911, p. 227), de onde viria depois um registro: a memória.

Pontos muito interessantes, sem dúvida, brilhantes, mas é um brilho que se torna opaco para mim, porque, atualmente, eu poderia questionar o mestre que nos transmite (e não poderia fazer outra coisa) uma visão da construção psíquica muito solipsista. Não há a menor presença de outro que sustente, acompanhe e confronte todos estes movimentos psíquicos.

Prestemos especial relevância à *atenção*, a visão ativa desta função merece uma consideração especial. Esta exploração nos falaria de um movimento no



espaço exterior, já existiria a base de um sujeito que estabeleceria uma diferença entre o dentro e o fora. Mas como é constituída a mesma? Sem sabê-lo, Freud é visitado pela etimologia de *atender*, que vem do latim *a-tendere*. Tender, mover, deslocar o espírito, a mente para... (Houzel, 2002). Mas a atenção, como mostra de um movimento do aparelho psíquico, precisa do outro que a sustente, exatamente como falam muitos autores atuais de um verdadeiro “diálogo de atenções”.

A seguir, Freud passa a falar da descarga motriz e oferece-nos uma colocação muito interessante sobre a viagem do aparelho da descarga motriz até o pensamento. Mostra-nos um processo que parte da descarga motriz para acelerar o aumento de estímulos em direção a “uma função nova que foi usada para alterar a realidade de acordo com os seus fins. Modificou-se em ação”. (Freud, 1911, p. 226). Mas evidentemente isso não basta, o processo continua através do pensar. Muito brevemente, ele diz que foi necessário *frear* a descarga motriz (da ação), e aí entram em cena dois conceitos: *a suspensão e o processo de pensar* (representar)

O aparelho mental é, nesta perspectiva, um aparelho de regulação de energia, com intensidades variáveis, e de busca da descarga como fonte de prazer.

Freud paga tributo à influência da ciência da época com suas metáforas energéticas, dizendo-nos algo muito importante com a palavra *suspensão*: falamos do adiamento como condição de pensamento. Mas, atualmente, questionaríamos a ausência de conceituação do papel do outro, daquele que habilita na criança pequena essa (possível) *função de suspensão*. Como poderíamos entender, então, essa função de suspensão? Afasto-me de Freud e viajo para outros espaços.

Agora quero abrir outra porta de diálogo com as contribuições dos autores D. Marcelli e J. Hochmann. Com o primeiro, para pensar essa suspensão, adiamento, e com o segundo para pensar a qualidade do pensar, do prazer do pensar.

Suspensão – adiamento (*surséance*)

Como pensar, então, essa capacidade de suspensão (condição prévia do pensar), essa capacidade de adiar, de frear a descarga e transformá-la em movimento psíquico, movimento de ideias? Nesse sentido, penso que Marcelli, com seu conceito de *capacité de surséance* (capacidade de adiamento, de diferir a descarga), traz ideias interessantes.

Este autor define essa capacidade como “a capacidade de diferir por algum tempo os efeitos de uma ativação perceptivo-sensorial” (Marcelli, 1986, p. 89).



Mas de onde viria essa capacidade de diferir, suspender a descarga? Marcelli diz que sua origem provável estaria nos encontros com o outro, no ritmo organizado presente desde os primeiros dias de vida, na capacidade da atenção e na tolerância à frustração. Toda a vida do bebê está fundada na existência de ritmos, que, como numa dança, vão pulsando os momentos de união-separação, presença-ausência, continuidade-descontinuidade, como forma de paliar as angústias de descontinuidade, marcar o prazer do encontro com o objeto e ir tolerando sua eventual ausência (Guerra, 2007, 2010).

Marcelli divide a experiência rítmica do bebê e de seu entorno em macrorritmos e microrritmos. Os primeiros estariam baseados na repetição de experiências de satisfação e da previsibilidade dos encontros que dariam ao bebê a primeira noção de organização temporal (“primeiro vem isto e depois vem aquilo”). A isso se somam, progressivamente, os microrritmos, que é a irrupção do surpreendente, do inesperado, inaugurado com certos encontros lúdicos mãe-bebê: os jogos de cócegas e de aumento e decréscimo da excitação (Marcelli, 2000).

Assim, esta capacidade de suspensão irá sendo construída (a partir de uma perspectiva intersubjetiva) através da previsibilidade do ritmo materno, da inclusão do inesperado, introduzindo progressivamente a “desilusão” winnicottiana, orientando o desejo materno para um terceiro com a inclusão da espera e da palavra como invólucro e significação. A palavra na sua característica de “corpo sônico” (como dizia o poeta Manoel de Barros), que pode tocar, acariciar, sustentar (quase) tanto como o próprio corpo concreto.

Todos estes elementos (que desenvolvi de maneira muito limitada e nos quais é preciso incluir os aportes do próprio bebê) permitiriam ir se gerando no bebê essa abertura para o pensamento. Mas de que tipo de pensamento estamos falando? É possível conceber um pensamento prazenteiro e *criativo* no bebê?

O prazer de pensar (autoerotismo mental)

Agora gostaria de abrir um diálogo com as contribuições de J. Hochmann, para pensar esta função do pensar. Este autor pergunta-se através de que meios um bebê pode diminuir certo grau de sofrimento (afeto de desprazer). Hochmann (1992, p. 44) fala-nos de diferentes possibilidades:

1) *A experiência de satisfação, sendo ela real, através da presença do seio, ou alucinatória.*



2) *A descarga de maneira lateral da excitação ligada à não satisfação do desejo. Pode utilizar seu aparelho neuromuscular, chorar, gritar, agitar-se, urinar, defecar, etc.*

3) Através da erotização da excitação, busca de situações cada vez mais excitantes, de maneira que se obtém uma “falsa calma” através da busca de excitações fortes, exatamente como se observa em algumas crianças chamadas de hiperativas, que, em seu movimento desesperado, batem nos objetos procurando uma calma impossível (Guerra, 2004).

4) Outra forma, mais centrada na atividade e presença materna. *Nesta perspectiva, as carícias da mãe, seu ritmo, o colo, sua voz apaziguadora inibiriam progressivamente (pelos estímulos regulares) as sensações de tensão e de excitação de seu aparelho psíquico.*

O bebê passa, muitas vezes, de um ritmo desorganizado da descarga motriz, para um *ritmo conjunto* com a mãe (amparada também pela entrada em jogo da “atenção conjunta” e da “narratividade conjunta”) (Guerra, 2011). Assim, progressivamente, o bebê se tornaria capaz por seus próprios recursos de procurar esta calma. Muitas vezes isso é alcançado através da imitação da atitude materna: pode embalar a si mesmo com movimentos leves, com jogo de mãos que reproduzem as idas e vindas do rosto da mãe, ou das primeiras vocalizações que reproduzem a musicalidade da voz.

Assim, passo a passo, iria se desprendendo destes procedimentos de pôr-se em calma sem necessidade de se apoiar sobre os elementos sensoriais, para passar a se apoiar no *prazer de pensar*, movimento que Hochmann (1992, 2000) denomina de “autoerotismo mental”. Este autor afirma que, identificado com a mãe tranquila, que, com sua *rêverie*, o acalma e o pensa,

“O bebê vai encontrando um prazer nessa forma de auto-erotismo não centrado em seu próprio corpo e sua sensorialidade, mas na busca de um prazer dessexualizado, narcisista, um prazer de consolação e de pacificação, mais do que de satisfação. Um funcionamento mental que é, em si mesmo, fonte de prazer e que *está na origem do prazer de pensar, de falar, de elaborar e, mais tarde, de sonhar e poetizar [...]*. Esta dimensão poética do funcionamento mental representa o investimento de base de um continente psíquico independente do investimento do conteúdo [...]” (Hochmann, 1992, p. 47, grifo do autor).



É claro que a possibilidade de poetizar inclui outra alquimia de elementos da vida psíquica, já que, em muitos criadores, encontramos também a possibilidade de poetizar a partir da dor e do desencontro. Também existe uma viagem da dor para a criação. Sylvia Plath, a poeta, dizia: “Eu escrevo por uma única razão, há em mim uma voz que não aceita ser reduzida ao silêncio” (apud Korff Sausse, 2005, p. 102). A voz que habitava Silvia (que se suicidou pouco tempo depois) era muitas vezes uma voz que portava a dor da existência.

Mas, com dor, angústia, prazer e alegria, os poetas e os criadores tentam representar, através de sua obra, as vicissitudes afetivas de sua vida anímica e tentam também descarregar suas vivências numa tentativa de ligação através de recursos simbólicos (frustrados ou não). Suas obras são um convite a visitar o seu espaço criativo e também uma oportunidade de revisitar nossas próprias vivências, que, às vezes, se reconhecem nas do criador.

Falando em revisitação, tornemos a reencontrar-nos com Freud. Ele nos dizia que o processo do pensar é constituído a partir do representar. E logo nos dizia que o essencial é uma atividade com menor gasto de energia. Neste momento (1911), Freud encontra respostas no ponto de vista econômico; eu (2011) tento encontrá-las também num *ponto de vista intersubjetivo*.

Como vimos no diálogo com os outros autores, é o papel do outro, o interjogo rítmico entre a presença e a ausência, o que marcaria, por identificação, um dos pontos essenciais dessa função do pensar. Seria a identificação com o ambiente pensante, com a necessidade e o desejo de ser *cuidado*. Viajemos, então, para a sua etimologia, para “a infância das palavras” como dizia o poeta Manoel de Barros. *Cuidar e pensar* provêm da mesma família, da mesma genealogia, da mesma *genética linguística*, já que cuidar provem do latim *cogitare*, pensar (Corominas, 1990, p. 124). O primeiro sentido, o amanhecer da palavra cuidar provem, então, do pensar. Assim, pareceria que o pensar provem do ser cuidado, do ser pensado pelo outro.

Desta maneira, podemos sustentar que a passagem da *suspensão* para o pensamento (em parte) ocorre por um *processo de identificação com um ambiente que também tem o prazer de cuidar pensando*.

Nesta parte final gostaria de retornar ao início, ao ponto de partida e à homenagem a Freud. Seu legado maior é, realmente, em parte, relacionado com o pensar e com a identificação. A identificação com uma busca obstinada (e criativa) de respostas aos enigmas da alma humana, respostas sempre parciais, efêmeras, abertas à surpresa do mundo, abertas – por que não? – ao prazer de pensar... □



Abstract

Revisiting the two principles of mental functioning. Dialogues with the text without holding a mirror

The present article *revisits* the original Freudian text in an attempt to develop one of the aspects presented by Freud related to changes in the psychic apparatus as a result of the subject's insertion into reality (reality principle). The question refers to the consequences on both attention and thinking process. Emphasis is given especially on Freud's proposition of discharge suspension as a condition for thinking; this topic is discussed by establishing a *dialogue* with the concepts of *surséance* (D. Marcelli) and mental self-eroticism (J. Hochmann) which opens a pathway to the pleasure of thinking and to the fundamental role of the other in the whole process.

Keywords: Suspension. Thinking. Mental self-eroticism. Intersubjectivity.

Resumen

Revisitando los dos principios del acontecer psíquico. Diálogos con el texto sin un espejo en la mano

En este artículo el autor se propone *revisitar* el texto freudiano tratando de desarrollar uno de los puntos que trae Freud en relación a los cambios que acontecen en el aparato psíquico con la inclusión del sujeto en la realidad (principio de realidad). El punto de interrogación se refiere a las consecuencias tanto en la atención como en los procesos de pensamiento. Se prestaría especial hincapié al planteo freudiano de la suspensión de la descarga como condición del pensar, pasando a reflexionar sobre ese tópico, en un *diálogo* con los conceptos de *surséance* (D. Marcelli) y autoerotismo mental (J. Hochmann) que abran camino hacia el placer de pensar y el fundamental papel del otro en todo este proceso.

Palabras llaves: Suspensión. Pensamiento. Autoerotismo mental. Intersubjetividad.

Referências

- COROMINAS, J. (1990). *Pequeño diccionario etimológico*. Madrid: Gredos.
FREUD, S. (1911). Formulas sobre los dos principios del acontecer psíquico. In: *Obras completas*. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu. p. 217-231.



Victor Guerra

_____. (1917 [1915]). Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños. In: *Obras completas*. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu. p. 215-234.

_____. (1899-1900). La interpretación de los sueños. In: *Obras completas*. v. 4. Buenos Aires: Amorrortu.

_____. (1895). Proyecto de psicología. In: *Obras completas*. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu. p. 323-446.

GUERRA, V. (2004). *Inquietud, hiperactividad y falso self motriz*. No prelo.

_____. (2007). Le rythme entre la perte et les retrouvailles. *Revue Spirale*, v. 4, n. 44, p. 139-146.

_____. (2010). *Indicadores de intersubjetividad (0-2 años): perspectiva psicoanalítica*. No prelo.

_____. (2011). *Le complex de l'archaïque dans L'esthétique de la subjectivation*. In: VII Seminario de Investigación de la Prof. Simone Korff Sausse en la Universidad de Paris. Paris.

HOCHMANN, J. (1992). Identifications auto-érotiques et autisme infantile. Perspectives théoriques et thérapeutiques. In: HOCHMANN, J.; FERRARI, P. *Imitation, identification chez l'enfant autiste*. Paris: Paidós. p. 37-58.

_____. (2000). Alla sorgente del piacere estetico, l'incrocio degli auto-erotismo. In: CHOUVIER, B. (Ed.). *Simbolizzazione e processi di creazione*. Roma: Borla. p. 107-131.

HOUZEL, D. (2002). Le concept d'attention. In: *L'aube de la vie psychique*. Paris: ESF. p. 161-174.

KORFF SAUSSE, S. (2005). Emergence de la forme dans la clinique et l'esthétique. *Recherches en Psychanalyse*, v. 1, n. 3.

MARCELLI, D. (1986). De l'hallucination d'une présence à la pensée d'une absence. A propos du rôle de l'absence dans les relations d'objet précoce. In: *Position autistique et naissance de la psyché*. Paris: PUF. p. 57-94.

_____. (2000). *La surprise: chatouilles de l'âme*. Paris: Albin Michel.

PESSOA, F. (1926). Lisbon revisited. In: *Obra poética bilingüe*. Barcelona: 29. p. 219-223.

Recebido em 22/04/2011

Aceito em 29/04/2011

Tradução de **Beatriz Affonso Neves**

Revisão técnica de **Luisa Maria Rizzo**

Victor Guerra

Alfredo Baldomir N° 2442 apto. 202

CP 11300 – Montevideo – Uruguay

e-mail: vguerra@internet.com.uy

© Victor Guerra

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA